

VOZES A RESPEITO DA IMPORTÂNCIA DA LEITURA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO WORKSHOP “LÊ PRA MIM”

VOICES ABOUT THE IMPORTANCE OF READING: AN EXPERIENCE REPORT IN THE “LÊ PRA MIM” WORKSHOP

Rovílio de Lima Nicácio¹.

¹Universidade Federal do Acre-Ufac/Cruzeiro do Sul/Acre.

*Autor correspondente: e-mail: rovilio10@gmail.com

RESUMO

A produção tem por desígnio refletir sobre as vozes a respeito da importância da leitura, ao apresentar os resultados de um workshop desenvolvido na disciplina de Leitura e Discurso do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Federal do Acre - Campus Floresta que tem como participantes professores, bibliotecários, auxiliares de bibliotecas, coordenadores, alunos de graduação e pós-graduação pertencentes às Redes de Ensino da Regional do Vale do Juruá. Como aporte teórico, recorremos aos estudos de Barthes (1987); Foucault (2008); Jouve (2002); Larrosa (2004), que tratam sobre concepções de leitura, além de, Foucault (1994); Santaella (2004); Jouve (2002); Larrosa (2004), que abordam concepções de leitor e Petit (2009); Petit (2010), que enfoca o trabalho como mediação de leitura. A pesquisa assumiu dois vieses investigativos, a perspectiva bibliográfica, que consistiu na busca de base teórica do que já foi elaborado sobre a abordagem em questão, consistindo basicamente na consulta em livros e artigos científicos. Numa segunda dimensão, tivemos a pesquisa-ação, que de modo coletivo e cooperativo, pesquisadores e participantes do Workshop “Lê pra mim” promoveram um espaço de conversa sobre leitura e suas diversas facetas, a fim de trocar experiências sobre o ato de ler nos diferentes ambientes, incentivando a prática de leitura, o desejo e o prazer de ler promovendo o diálogo sobre as concepções de leitura, no intuito de sugerir outras estratégias de formação de leitores dentro e fora do ambiente escolar.

Palavras-Chave: Leitura. Leitor. Mediador de Leitura. Workshop.

ABSTRACT

The production aims to reflect on the voices regarding the importance of reading, by presenting the results of a workshop developed in the subject of Reading and Speech of the Postgraduate Program in Teaching Humanities and Languages of the Federal University of Acre - Campus Floresta that has as participants teachers, librarians, library assistants, coordinators, undergraduate and graduate students belonging to the Teaching Networks of the Juruá Valley Regional. As a theoretical contribution, we have recourse to the studies of Barthes (1987); Foucault (2008); Jouve (2002); Larrosa (2004), which deal with conceptions of reading, and Foucault (1994); Santaella (2004); Jouve (2002); Larrosa (2004), which deal with conceptions of reader and Petit (2009); Petit (2010), which focuses on work as reading mediation. The research took two investigative biases, the bibliographic perspective, which consisted in the search for a theoretical basis for what has already been elaborated on the approach in question, consisting basically of consultation in books and scientific articles. In a second dimension, we had the action-research, which in a collective and cooperative way, researchers and participants of the Workshop "Read to me" promoted a space for conversation about reading and its various facets, in order to exchange experiences about the act of reading in different environments, encouraging the practice of reading, the desire and pleasure of reading, promoting dialogue about the conceptions of reading, in order to suggest other strategies for training readers within and outside the school environment.

Keywords: Reading. Reader. Mediator of Reading. Workshop.

1. INTRODUÇÃO

Apreende-se relato como ação ou efeito de relatar; narração, descrição, explanação ou explicação feita oralmente sobre uma situação ou acontecimento: relato de experiência, esclarecendo a proposta deste trabalho de conclusão da Leitura e Discurso do Programa de Pós-

graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens – PPEHL – da Universidade Federal do Acre (UFAC), inserida na linha de pesquisa “Ensino, Linguagens e Culturas” que preconiza o diálogo entre ensino e linguagens em suas mais amplas realidades, refletindo sobre as formas de produções literárias, linguísticas e culturais, além do uso dessas linguagens em variados contextos de ensino. Todavia, relatar por si só não responderia à inquietação trazida à escrita deste artigo. Assim, pretende-se comentar sobre esse assunto. O Relato é resultado da aplicação do Workshop “Lê pra mim” que ministramos, observamos e intervimos.

Nas últimas décadas, pesquisas e debates em torno da temática leitura têm sido alavancada devido à importância da leitura e a distância entre o ser leitor e o ser professor. No âmbito escolar o ato ler é um dos pilares para que o indivíduo possa ser inserido em seu contexto de vida, compreendendo o que está a sua volta, ou seja, a leitura está em todos os tempos e espaços da sociedade.

Assim sendo, podemos expor que dada a liquidez da sociedade contemporânea envolta da cultura do conhecimento, torna necessária o uso da linguagem, da leitura e da escrita para que se possa entender e ser entendido nas diferentes situações de comunicação.

Nesse prisma, torna-se imprescindível um olhar diferenciado para com a intensificação do ato de leitura de forma prazerosa, seja em ambientes educacionais ou não, por intermédio de atividades relacionadas à leitura e sem fazer uso de leituras obrigatórias, proporcionando momentos cansativos, repetitivos, descontextualizados do que se propõe a realizar.

Nessa conjuntura, a proposta temática resultou da elaboração e aplicação do Workshop “Lê pra mim” que tivera como participantes professores, bibliotecários e discentes como o objetivo de proporcionar um espaço de conversa sobre leitura e suas diversas facetas, a fim de trocar experiências sobre o ato de ler nos diferentes ambientes, incentivando a prática de leitura, o desejo e o prazer de ler e, promovendo o diálogo sobre as concepções de leitura, no intuito de sugerir outras estratégias de formação de leitores dentro e fora do ambiente escolar.

Partindo desses aforismos iniciais, nos indagamos: Qual a visão dos participantes a respeito da leitura? O que é ser um leitor? O que é e quem pode ser um mediador e qual seu papel? Como incentivar/cativar alguém a tornar-se um leitor constante?

Perante tais questionamentos, percebemos ser indispensável a intensificação de ações que possibilitem a prática e a apropriação da leitura, uma vez que estão intrínsecas as práticas sociais.

Como referencial teórico, recorreremos a estudiosos como Barthes (1987); Foucambert (2008); Jouve (2002); Larrosa (2004), que tratam sobre concepções de leitura, além de,

Foucambert (1994); Santaella (2004); Jouve (2002); Larrosa (2004), que abordam as concepções de leitor e Petit (2009); Petit (2010), que enfoca o trabalho como mediação de leitura.

Para discorrer sobre a temática, organizamos o artigo em três seções. Na primeira abordamos diferentes significados de leitura, leitor e mediação de leitura, a partir dos estudiosos citados. Na segunda, discorreremos sobre o percurso metodológicos e o desenvolvimento do Workshop “Lê pra mim”. Na terceira e última seção, analisaremos os resultados abordados e observados, tanto nas contribuições em sala de aula na disciplina Leitura e Discurso, bem como na realização do Workshop.

2. APORTE TEÓRICO

2.1. Concepções de Leitura

Incontestavelmente, a leitura alarga e diversifica as visões e interpretações do sujeito sobre o mundo e da vida como um todo. Nesse sentido, surge a necessidade de nos mantermos atentos a esta questão, uma vez que a sua ausência impede crescimento pessoal e profissional, acarretando de certo modo, a exclusão de episódios que alimentam nossa interpretação e imaginação.

Mesmo não estando conscientes, a prática da leitura se manifesta em nossas vidas desde o momento em que começamos a "decifrar e interpretar" o mundo que nos rodeia. No constante desejo de compreendermos o sentido das coisas que nos circundam, de conhecer novas perspectivas da realidade (in)verossímil de certo modo, estamos lendo e ampliando a capacidade cognitiva.

A leitura deve ser vista como uma habilidade indispensável à vida sociocultural. Essa habilidade pode ser construída com base em práticas específicas estruturadas à grade curricular do cotidiano da escola e presente nas práticas docentes em todos os segmentos de ensino. Dessa forma, este trabalho objetiva-se discutir o papel da escola no desenvolvimento da leitura e na formação do leitor, propondo estratégias metodológicas que visam ampliar essa prática em sala de aula.

Os benefícios da leitura perpassam o ideário de obtenção de uma formação científica ou mesmo a percepção da realidade. Em si, a leitura institui, também, atividades de prazer e de fruição como nos ilustra [1]:

Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligada a uma prática Confortável da leitura. Texto de fruição:

aquele que põe em estado de perda, aquele que Desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem.

Em conformidade com as informações supracitadas, destacamos a leitura como um meio de transcendência da margem do dizível, proporcionando ao leitor múltiplos enfoques, dentre eles, o lúdica, pois o sentido do texto não se restringe às convenções da linguagem usada, mas é acrescido à medida que o leitor põe parte de si dentro do texto que lê.

Para [2], “ler não é nem uma grande aventura que permite ter os melhores espíritos como companheiros de estrada, nem um mecanismo de associações de um estímulo a uma resposta”. Há a incumbência de exigir do leitor um trabalho árduo de participação, compreensão e análise para que, assim, possa atuar de forma plena e crítica na sociedade.

Muitas as atividades de leitura são lançadas – no ambiente escolar - de maneira impositiva como se os discentes não manifestassem interesses, ou como treinamento com o intuito de testá-lo, no que tange ao ato de decifração.

É necessário refletir sobre questões relacionadas as práticas de leitura no âmbito escolar, visto que a leitura “é uma prática social que preenche uma função de comunicação, mas sua aprendizagem, através da escola, é uma realidade social”. [2]

Ainda sobre leitura, [2], diz que:

[...] ler é, antes, mesmo de procurar informação, ter escolhido a informação que se procura. Ler quer se trate de um jornal, de um romance, de uma bula, de um poema, de um relato de experiência, da legenda de um filme, de um mapa, ou de uma peça de teatro, trata-se sempre de uma atividade que encontra sua significação porque está inscrita no interior de um projeto. Pode-se discutir o valor do projeto, mas isto, posto, a leitura é uma: trata-se sempre de tomar as informações que escolhemos tomar.

Desconsiderando esses aspectos, é provável que, além de não despertar o interesse do aluno, a leitura não contribua para formação do aluno leitor.

Já para [3], a leitura, longe de ser uma percepção passiva, apresenta-se como uma interação entre texto e leitor. A leitura significa desenvolver-se cognitivamente, mas também emocional e afetivamente. O autor expõe ainda, que “a leitura é uma atividade complexa, plural, que se desenvolve em várias direções” [3]. Nela, desorganizamos para reorganizarmos, desestabilizarmos para estabilizarmos, desconstruirmos para construirmos e reconstruirmos uma nova leitura de mundo que nos ajudará a entender qual é a realidade, em que lugar estamos inseridos, e nos conduz a novas reflexões sobre nossa realidade, nossa prática, nossa maneira de ser, pensar e agir.

Para [4], leitura é traduzir, num processo de transmissão ou transporte de sentido. Onde os significados e sentidos que tocam e marcam o leitor advém das experiências que o constituíram. Sendo assim, a palavra “experiência” parece convidar a se pôr à prova ou adentrar um território perigoso, ou a uma travessia arriscada.

A leitura possui dois sentidos: a leitura como formação e a formação como leitura.

a leitura enquanto formação é pensada como algo relacionado à subjetividade do leitor, não aquilo que o leitor sabe, mas o que ele é. Além disso, a leitura não se reduz a um mecanismo de evasão do mundo, do real, do eu real, ou um passatempo. A leitura como formação é algo que nos forma (ou de-forma e trans-forma), que nos constitui ou põe em questão aquilo que somos [5].

Nessa perspectiva, a leitura como experiência de formação supõe a relação entre o texto e a subjetividade, possibilitando que as pessoas se reconheçam e descrevam de outras maneiras.

2.2. Concepções de Leitor

Iniciamos esta seção traçando concepções de leitor a partir de alguns estudiosos. Ao traçar uma definição acerca do que é ser leitor crítico, [6] escreveu o estatuto do leitor. Ele relata que ser leitor é querer saber o que se passa na cabeça do outro para compreender melhor o que se passa na nossa. Isso implica tanto em distanciar -se do fato, para ter-se dele uma visão de cima, quanto em apropriar-se do sentimento de pertencer a uma comunidade de preocupações que faz do leitor um interlocutor daquilo que o autor produziu.

Sobre leitor, ainda, [6] enfatiza que é quem não considera o livro como um objeto sagrado por considerá-lo contestável, por considerar as diferentes instâncias que constituem as ideias nele contidas. Neste sentido, o leitor assume a posição de sujeito da linguagem no processo de atribuição de significado e não de um mero receptor de ideias veiculadas pelo texto e pelo autor. Logo, os que manuseiam o livro, uma vez ou outra, têm uma atitude inferiorizada em relação a ele, concebendo que – ele é quem sempre está com a razão e que é incontestável.

[3] distingue autor e narrador, dizendo que o primeiro é real e histórico, enquanto o outro vive apenas no texto. “Para ter uma ideia vaga do autor, é preciso fazer uma pesquisa, juntar documentos, ler prefácios: para saber tudo sobre o narrador, basta ler o livro”. No que tange ao leitor, o autor afirma que:

Pode-se deduzir de cada texto que seus respectivos narratários (os leitores que eles supõem) não têm nem o mesmo saber, nem a mesma idade, nem os mesmos centros de interesse. Pelos temas que aborda e pela linguagem que usa, cada texto desenha no

vazio um leitor específico. Assim, o narratário, da mesma forma que o narrador, só existe dentro da narrativa: é apenas soma dos signos que o constroem. [3]

Na perspectiva de narratários são apontados três tipos: O primeiro é o ‘narratário-personagem’, aquele que desempenha um papel na história. O segundo é o ‘narratário interpelado’, que é o leitor anônimo, sem verdadeira identidade, interpelado pelo narrador durante a narrativa. O último é o ‘narratário oculto’, que não é descrito, nem nomeado, mas está implicitamente presente pelo saber e pelos valores que o narrador supõe no destinatário de seu texto, por isso, é o único que permite teorizar as condições da atividade leitora a partir da base objetiva do texto. Nessa perspectiva, a leitura possui dois sentidos: a leitura como formação e a formação como leitura.

No mesmo estudo [3] faz referência às teorias do leitor implícito de Iser (1996), do leitor abstrato de Lintvelt (1981) e do leitor modelo de Eco (1988), mostrando suas semelhanças. Após, o autor lança a principal crítica à teoria que é o fato de ela não envolver o leitor real, conforme Michel Picard (1986). Este propõe três instâncias da leitura: o leitor, o lido e o leitante:

O leitor é definido como parte do indivíduo que, segurando o livro nas mãos, mantém contato com o mundo exterior; o lido, como o inconsciente do leitor que reage às estruturas fantasmáticas do texto; e o leitante, como a instância da secundariedade crítica que se interessa pela complexidade da obra. [3].

Discorrendo ainda sobre a concepção de leitor, [4] situa o sujeito da experiência no espaço onde tem lugar os acontecimentos, sendo a leitura aquilo que nos passa, ou nos toca, ou nos acontece, e ao nos passar, nos forma e transforma. Leitura é portanto, dar sentido ao que somos com palavras que constituem o pensamento.

Complementando o entendimento sobre concepção de leitor como sujeito da experiência, leitura é destacada também como

a possibilidade de que algo nos passe ou nos aconteça ou nos toque requer um gesto de interrupção no qual o sujeito da experiência é um ser que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. [4].

Passemos então a considerarmos a abordagem de [7], na tentativa de compreendermos outro tipo de leitor, os que emergiram com as redes de comunicação planetárias, o ‘leitor imersivo’. Na tentativa de chegar a compreensão deste novo tipo de leitor, a autora nos situa no tempo cronológico e discorre, primeiramente, sobre dois outros grandes tipos de leitores: o contemplativo e o movente.

O leitor contemplativo é o leitor meditativo da idade pré-industrial, da era do livro impresso e da imagem expositiva, fixa. Data do Renascimento e perdurando até meados do século XIX. Já o leitor, o movente, é resultante da revolução industrial e do aparecimento das metrópoles. Por conseguinte, é o leitor do mundo em movimento, dinâmico, das misturas de sinais e linguagens de que as metrópoles são feitas. O leitor imersivo é aquele que brotou nos novos espaços das redes computadorizadas de informação e comunicação.

Para [8],

o leitor imersivo inaugura um modo inteiramente novo de ler que implica habilidades muito distintas daquelas que são empregadas pelo leitor de um texto impresso que segue as sequências de um texto, virando páginas, manuseando volumes. É imersivo, porque navega em telas e programas de leituras, num universo de signos evanescentes e eternamente disponíveis.

Decorrentes das constantes modificações por que vem passando a cultura digital e a aceleração dessas transformações, algumas com estranhamento surge um outro tipo de leitor, o ubíquo, que para [8]

[...] herdou a capacidade de ler e transitar entre formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos, direções, traços, cores, luzes que se acendem e se apagam, enfim esse leitor cujo organismo mudou de marcha, sincronizando-se ao nomadismo próprio da aceleração e burburinho do mundo no qual circula em carros, transportes coletivos e velozmente a pé.

Como percebe-se, dadas as modificações no modo de vida da sociedade, muitas delas influenciadas pela cultura digital, nos deparamos com novos espaços, tempos e mobilidade social, portanto, com novos tipos e comportamentos de leitores.

2.3. Mediação de Leitura

Nas últimas décadas, a leitura se tornou objeto de investigação e de debates no âmbito educacional de maneira mais afincada, dada a dificuldade quanto a proficiência leitora e a sua prática constante.

Mas afinal, o que é e quem pode ser um mediador e qual seu papel? Como incentivar/cativar alguém a tornar-se um leitor constante?

Em seus estudos antropológicos sobre a leitura, [9], destaca que o mediador ao acompanhar o leitor em um momento por vezes tão difícil, como a escolha do livro, abre a ele oportunidades para o acesso a livros diversificados. Também indica que o mediador é o que inicia o outro à leitura; que faz despertar no outro a vontade de ler, é também, aquele que

acompanha o outro para escolher uma obra interessante; é aquele que possibilita o acesso às diversas obras culturais. Desse modo, a ação de iniciar o outro à leitura, não é suficiente, requerendo ainda, a necessidade de fazer o acompanhamento do trajeto do leitor.

[9] diz que, o mediador não pode dar mais do que tem, e assim

[...] por mais que estejam envolvidos, por mais imaginativos que sejam os bibliotecários ou os professores, eles não são onipotentes, e suas tentativas, em certos contextos, podem se deparar com um impasse. Sozinhos, na maior parte do tempo, não podem fazer grande coisa: de fato, se a ação encontrar lugar e eficácia, é sempre dentro de uma configuração.

Levando em conta a relação entre mediador e leitor, a autora dá destaque ao trabalho de parceria, por exemplo, por meio de projetos sociais de prioridade política. Por isso, no que se refere a quem vem a ser mediador, [9], cita os mediadores sociais institucionais como: escola, biblioteca, família, livrarias etc., bem como os pessoais: pai, mãe, irmão, tio, vizinho, amigo, professor etc., como feedbacks para o desenvolvimento do “gosto” pela leitura.

Destacamos inclusive, a biblioteca e a pessoa do bibliotecário como mediadores a formação leitora. Entretanto, segundo [9], em si, a biblioteca pública ou escolar “que desperta o gosto por ler, por aprender, imaginar, descobrir”. E sim, quem está no contato com o leitor ou futuro assíduo. E outras palavras, um professor, um bibliotecário que, ao manifestar sua paixão, transmitindo-a através de uma relação individual.

É na atuação do mediador ao compartilhar os rastros da sua leitura, os sentimentos, que a obra lhe proporcionou que a mesma ganha vida e atribui sentido ao livro e a sua produção. Caso contrário, se mantivermos o livro como um adorno nas prateleiras, sua existência será inútil.

Nessa acepção, [9] afirma que:

para transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pela leitura de obras literárias, é necessário que [se] tenha experimentado esse amor [...] Partindo desse ponto, é importante, principalmente para aqueles que trabalham e que fazem a mediação da leitura, que pensem, se interroguem mais sobre a sua relação com a literatura.

Colocamos então, em foco, o professor que é um dos poucos mediadores, profissionais da leitura, que podem conhecer quem são aqueles que irão ler os livros que ele indicou. O papel do mediador trata da importância de sujeitos que aproximem o leitor dos textos, “contaminando” as outras pessoas com a paixão pela leitura.

A escolha e a indicação de obras podem ser mediadas pelo professor ou bibliotecário, mas, segundo [9], o mediador “[...] deveria poder dar, a cada leitor, uma oportunidade de

encontros singulares com textos que possam lhe dizer algo em particular”. Estes têm a possibilidade de transformar a vida de jovens que até então só tinham como perspectiva um mundo de desigualdade e violência.

A tarefa intensificar o ato de ler é característica da escola, ainda que, infelizmente, as mesmas não possuam acervos diversificados. Porém, apenas dispor de acervos variados e suficientes, não garante o gosto pela leitura, como destaca [9]:

O gosto pela leitura não pode surgir da simples proximidade material com os livros. Um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca, podem se tornar letra morta se ninguém lhes der vida. Se a pessoa se sente pouco à vontade em aventurar-se na cultura letrada, devido à sua origem social, ao seu distanciamento dos lugares do saber, a dimensão do encontro com o mediador, das trocas, das palavras “verdadeiras”, é essencial.

O ambiente escolar é o lugar adequado para disseminação de conhecimentos, de obras culturais para todas as pessoas. Logo, precisa de um espaço agradável. O professor como mediador é quem exercerá o papel de fazer com que a leitura chegue às mãos, aos olhos e ao coração de seus discentes.

3. METODOLOGIAS

Para a realização desse trabalho assumimos a pesquisa sob dois vieses investigativos, a perspectiva bibliográfica, que consistiu na busca de base material do que já foi elaborado sobre a abordagem em questão, consistindo basicamente na consulta em livros e artigos científicos. Numa segunda dimensão, tivemos a pesquisa-ação, que é um tipo de pesquisa em que se associa ação e solução de problema, que de modo coletivo e cooperativo, pesquisadores e participantes promoveram o Workshop “Lê pra mim”.

Os pesquisadores e participantes fazem parte do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens – PPEHL da Universidade Federal do Acre – Campus Cruzeiro do Sul, e o Workshop “Lê pra mim” foi decorrente da disciplina Leitura e Discurso, sob a orientação da Prof^a Dr^a Maria José da Silva Morais Costa, em atendimento cujo objetivos indicavam promover debates contemporâneos em torno da noção de leitura e discutir as interfaces entre ensino e leitura.

A disciplina nos possibilitou apropriação de referências bibliográficas que foram exploradas nesse texto, dando embasamento teórico para realização da pesquisa-ação

desenvolvida a partir do Workshop “Lê pra mim”, que se apresenta como um dos requisitos para a conclusão da disciplina em questão.

Tomando como base o referencial teórico e as reflexões promovidas durante as aulas, o Workshop “Lê pra mim” foi realizado no dia 12 de julho de 2019, no período vespertino, obedecendo ao seguinte cronograma:

1º Momento: Acolhida: boas-vindas; entrega de um cartão com uma frase de Simone Helen Drumond; apresentação do objetivo proporcionar um espaço de conversa sobre leitura e suas diversas facetas, a fim de trocar experiências sobre o ato de ler nos diferentes ambientes, incentivando a prática de leitura, o desejo e o prazer de ler e, promovendo o diálogo sobre as concepções de leitura, no intuito de sugerir outras estratégias de formação de leitores dentro e fora do ambiente escolar; e Trilha da Leitura composta de palavras que direcionavam ao ambiente do encontro. A partir destas palavras, foram levantados os seguintes questionamentos: As palavras presentes na trilha conduziram vocês a lembrança de alguma leitura já realizada ou de sua própria vivência? Quais são essas lembranças? Vocês conseguiram associar as palavras da trilha a alguma obra literária? As palavras da trilha fazem parte de qual obra literária? Vocês conhecem a autora Conceição Evaristo?

Figura 1: Cartão com pensamento Simone Drumond



Fonte: Elaborado pelos Ministrantes do Workshop, 2019.

Figura 2: Trilha de leitura



Fonte: Ministrantes do Workshop, 2019.

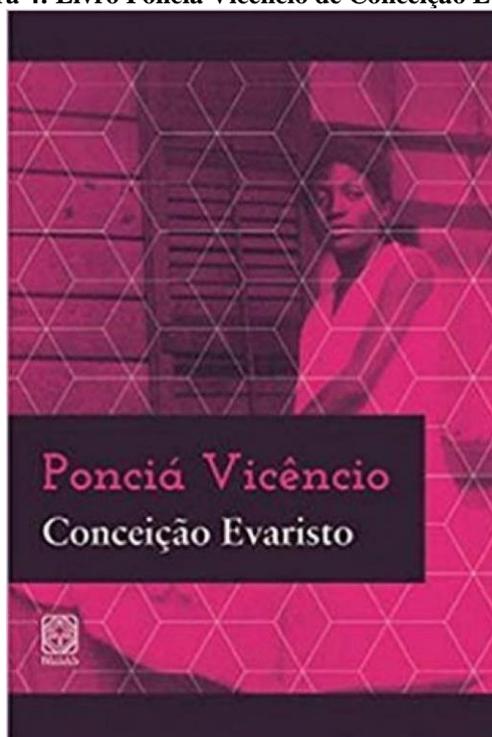
2º Momento: Exposição da biografia da autora Conceição Evaristo e de sua obra Ponciá Vicêncio, as quais foram retiradas as palavras para composição da Trilha da Leitura.

Figura 3: Conceição Evaristo



Fonte: <https://claudia.abril.com.br>. [10]

Figura 4: Livro Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo



Fonte: <https://revistatrip.uol.com.br>. [11]

3º Momento: Dinâmica – Roda de conhecimento. Em forma de círculo os participantes passaram de mão em mão um livro. A pessoa passava para outra que deveria dizer: Seu nome; Revelar algo diferente sobre si, ou um defeito, ou qualidade; Livro preferido; O que mais me atrai na escolha de um livro?

Figura 5: Pessoas em Círculo



Fonte: <https://br.depositphotos.com.> [12]

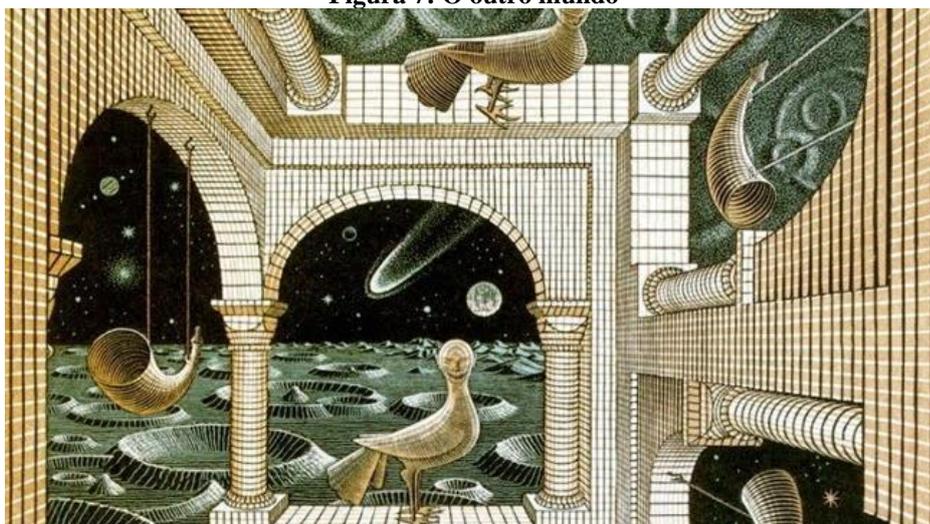
4º Momento: Concepção de Leitura dos Participantes, seguida da leitura de imagens abaixo.

Figura 6: Menina entrando num Livro



Fonte: <https://www.rock-cafe.info.> [13]

Figura 7: O outro mundo



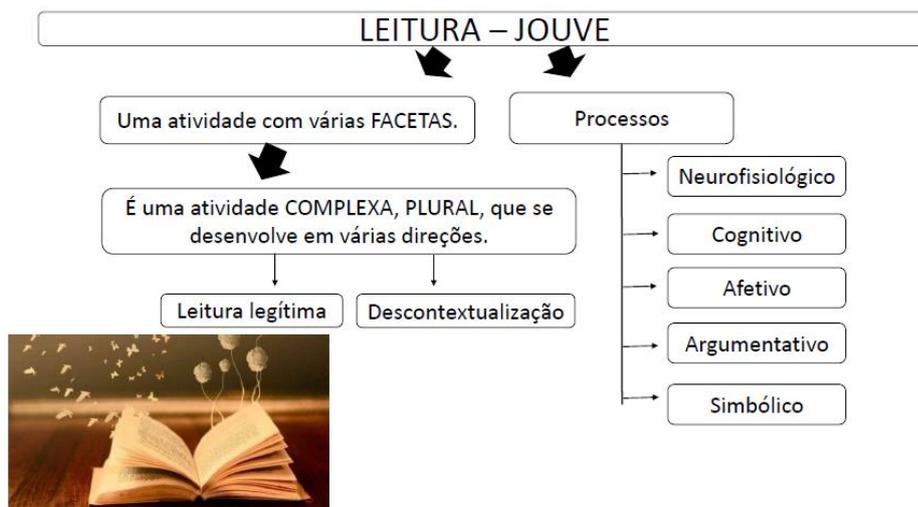
Fonte: <http://www.arteeblog.com.> [14]

5º Momento: Conversa sobre livros, leitura e leitores, com os seguintes questionamentos: Qual livro você indicaria para o grupo? Por quê? Como você chegou a esse livro? Como você o leu? Você acha que lê pouco? Por quê? Quantos livros você leu em 2018?

6º Momento: Roda de conversa sobre Leitura com a professoras Elenilda Maia de Araújo. Ao passar uma caixinha, os participantes retiravam uma pergunta e direcionavam a professora. Dentre elas temas: Qual o valor que a senhora atribui à leitura? Como os livros influenciaram a sua história de vida? Qual o livro que marcou a sua trajetória enquanto docente? De que forma os livros influenciaram a sua trajetória de escritora? Durante a sua trajetória de professora, apesar de toda a sua jornada de trabalho, havia uma preocupação de continuar sendo leitora?

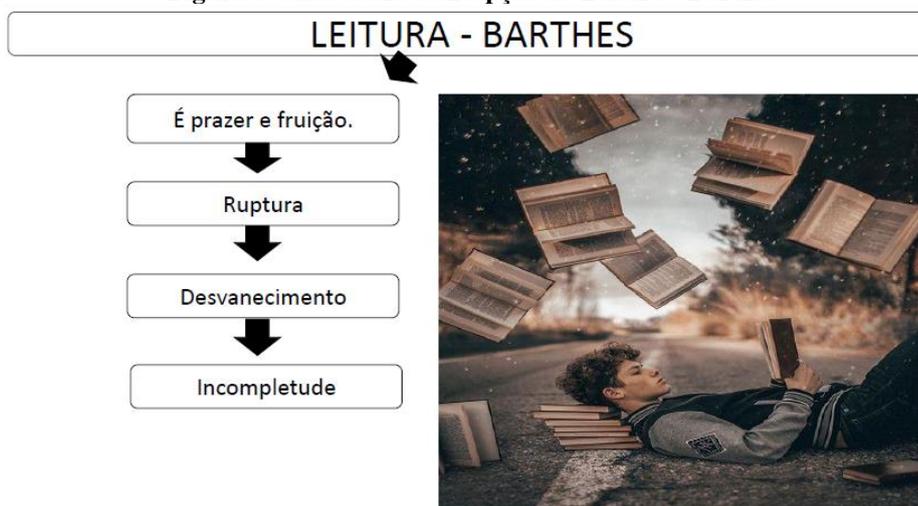
7º Momento: Exposição teórica sobre Concepções de Leitura a partir de esquemas.

Figura 8: Slide sobre Concepção de Leitura - Jouve



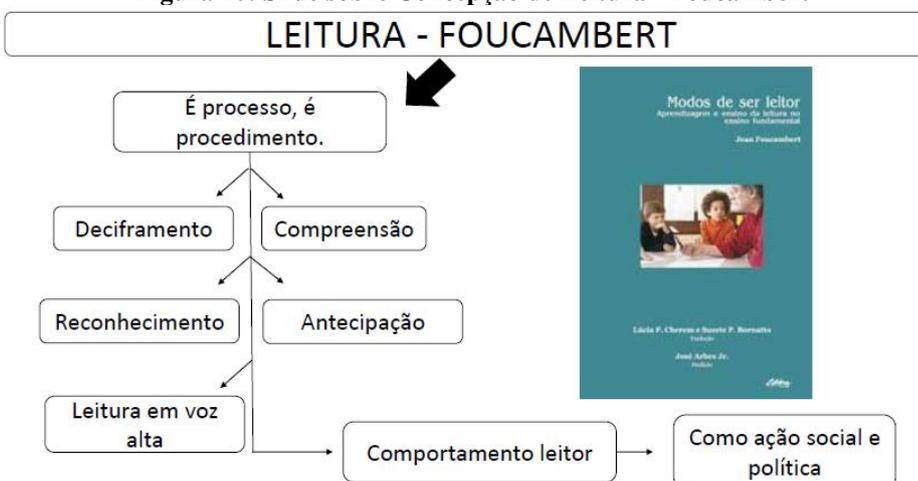
Fonte: Elaborado pelos Ministrantes do Workshop, 2019.

Figura 9: Slide sobre Concepção de Leitura - Barthes



Fonte: Elaborado pelos Ministrantes do Workshop, 2019.

Figura 10: Slide sobre Concepção de Leitura - Foucault



Fonte: Elaborado pelos Ministrantes do Workshop, 2019.

Figura 11: Slide sobre Concepção de Leitura - Larrosa



Fonte: Elaborado pelos Ministrantes do Workshop, 2019.

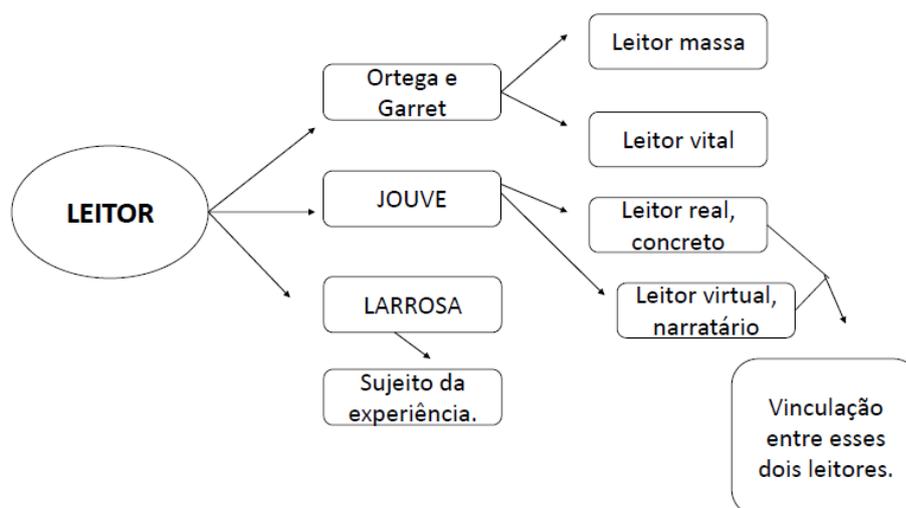
Figura 12: Slide sobre Leitura



Fonte: Elaborado pelos Ministrantes do Workshop, 2019.

8º Momento: Exposição teórica sobre Concepções de Leitor a partir do esquema.

Figura 13: Slide sobre Concepção de leitor



Fonte: Elaborado pelos Ministrantes do Workshop, 2019.

9º Momento: Exposição teórica sobre Mediadores de Leitura a partir do esquema.

Figura 14: Slide sobre Mediadores de Leitura

MEDIADORES DE LEITURA

- Os mediadores de leitura são aquelas pessoas que estendem pontes entre os livros e os leitores, ou seja, que criam as condições para fazer com que seja possível que um livro e um leitor se encontrem. <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/mediadores-de-leitura>
- O iniciador ao livro desempenha um papel-chave: quando um jovem vem de um meio em que predomina o medo do livro, um mediador pode autorizar, legitimar, um desejo inseguro de ler ou aprender, ou até mesmo revelar esse desejo. (PETIT)
- E outros mediadores poderão em seguida acompanhar o leitor, em diferentes momentos de seu percurso. (PETIT)
- Quem pode ser mediador? Com frequência um professor, um bibliotecário ou, às vezes, um livreiro, um assistente social ou um animador voluntário de alguma associação, um militante sindical ou político, até um amigo ou alguém com quem cruzamos. (PETIT)

Fonte: Elaborado pelos Ministrantes do Workshop, 2019.

10º Momento: Compartilhando nossa emoção. O espaço da sala de aula foi modificado; sentamo-nos em círculos. O silêncio passa a ocupar o lugar do diálogo. Fechamos os olhos para ouvir uma música bem suave. Essa atmosfera nos vai conduzir a um passeio imaginário. O formador vai orientando a viagem por caminhos diversos: Você se enxerga em qual caminho? Caminhe e sinta esse lugar. O que existe nele? Que sensações você está experimentando? Há mais alguém com você? Sinta o leitor que existe dentro de você! Traga à tona as suas lembranças de leituras nos mais diferentes lugares. Você se enquadra em qual tipo de leitor?

Você se enxerga como professor leitor e mediador de leitura? A leitura tem sido constante na sua vida ou está adormecida? Se está adormecida, onde o gosto e o interesse pela leitura deixou de existir? Desperte o leitor que existe em você! No silêncio da imaginação de cada um, muitas histórias estarão acontecendo. Depois o retorno. Pouco a pouco, de olhos abertos, música ao fundo, cada qual registrou o seu passeio: desenhando, colorindo, realizando suas imagens (Esses registros podem ser colados numa folha de papel madeira e colocados na parede da Sala).

11º Momento: Roda de Conversa: A partir da tríade leitura, leitor e mediação de leitores, eles refletiram: Você como professor, se encaixa em qual tipo de leitor? Na escola existe espaço para leitura? Quais ações são desenvolvidas na escola para estimular a leitura dos alunos? A escola possui biblioteca? O espaço da biblioteca realmente é usado para momentos de leitura?

12º Momento: Outros Olhares - Criação do clube da leitura; Criação de um grupo no whatsapp para compartilhar as sugestões de leituras e enviar livros em pdf para os alunos. Proporcionar aos alunos os momentos de leitura dentro e fora do espaço escolar; Monólogo dramatizado; Micro indicação de livro; Timeline; Programas de entrevista.

13º Momento: Sugestões de leitura dos ministrantes do Workshop:

- FOUCAMBERT, J. **Modos de ser leitor:** aprendizagem e ensino da leitura no Ensino Fundamental. Trad. Lúcia P. Cherem e Suzete P. Bornatto. Curitiba: Editora UFPR, 2008. 173p.
- JOUVE, Vincent. **A leitura.** Trad. Brigitte Hervot. São Paulo: Editora UNESP, 2002. 164p.
- LARROSA, J. **Linguagem e educação depois de Babel.** Trad. Cynthia Farina. Belo Horizont: Autêntica, 2004.
- PETIT, M. **A arte de ler ou como resistir à adversidade.** 2ª ed. Trad. Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2010.

14º Momento: Enceramento do Workshop com momento para os participantes manifestarem suas impressões e sugestões sobre as temáticas e momentos vivenciados.

Figura 15: Registros fotográficos do Workshop



Fonte: Ministrantes do workshop, 2019.

4. RESULTADOS OBSERVADOS

As atividades propostas junto aos participantes do Workshop “Lê pra mim” num primeiro momento esteve voltada à verificação da prática da leitura, no tocante ao livro que

indicaria para o grupo, por quê, como chegou a esse livro, como o leu, se acha que lê pouco, o porquê e quantos livros leu em 2018.

A maioria revelou o gosto pela leitura e a leitura de um número significativo de livros, porém, uma das colocações levantadas é sobre se pra ser um leitor ativo, necessariamente, teriam que ser livros literários. Esse momento, trouxe a reflexão de sobre o “mito” que está inserido nas vozes, principalmente, de atuantes na educação de que para ser leitor, o leitor assíduo precisa ter por base somente a leitura de obras literárias.

No momento seguinte, foi realizada uma roda de conversa sobre Leitura com a professoras Elenilda Maia de Araújo, que deixou evidenciado o valor que a leitura tem para sua existência enquanto ser social, embora estando aposentada, manifestou em suas palavras que diariamente dedica cerca de 2 (duas) horas diárias para este momento. Quando indagada sobre o(s) livro(s) influenciaram a sua história de vida, deu destaque a dificuldade em ter acesso a obras diferenciadas, tanto que, devido a condição financeira da família, costumava lê o mesmo livro durante vários anos de sua vida, até como um pedido especial de seu pai, que por ser analfabeto, gostava que aos domingos, ela (Elenilda) lesse para ele (Pai). Ainda perguntada sobre o livro que marcou a sua trajetória enquanto docente, foi enfática em dizer que não só os didáticos, mas os paradidáticos auxiliavam no planejamento de suas aulas, que as duras penas dividira sua rotina em três turnos de trabalho, o lar e a organização de suas aulas. Quando perguntada sobre de que forma os livros influenciaram a sua trajetória de escritora, revelou que ao fazer manuscritos de suas aulas, possibilitou mais adiante, reuni-los e transformar em uma de suas obras publicadas sobre a história de Cruzeiro do Sul. A professora dissera que, embora com a trajetória de professora intensa, sempre tivera preocupação de continuar sendo leitora, criando uma rotina para ler e escrever. E que hoje, faz leitura de todos os gêneros que tem acesso e possui uma vasta biblioteca particular como herança cultural para seus filhos e netos. E divide seu tempo entre família, trabalho com paisagismo e leituras diárias.

Posteriormente, os ministrantes – alunos do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens - PPEHL, expuseram o aporte teórico sobre a estudiosos como Barthes (1987); Foucambert (2008); Jouve (2002); Larrosa (2004), que possibilitam o enfoque sobre concepções de leitura, além de, Foucambert (1994); Jouve (2002); Larrosa (2004), que focalizam concepções de leitor e Petit (2009); Petit (2010), que enfoca o trabalho como mediação de leitura.

Outro momento importante foi o compartilhar de emoções, através de uma roda de conversa, de lembranças de leituras nos mais diferentes lugares, refletindo o que é leitura, em

qual leitor nos encaixamos, se nos enxergamos como professor leitor e mediador de leitura. Numa tentativa de despertar o leitor que existe em nós.

Este momento nos direcionou a reflexão de que, enquanto professor, bibliotecário entre outras funções que exercemos, levando em consideração a tríade leitura, leitor e mediação de leitores, se a escola possui um espaço para leitura, como são desenvolvidas ações na escola para estimular a leitura dos alunos, se a escola possui biblioteca e realmente é usada para momentos de leitura. Neste momento, os participantes fizeram colocações como: a falta de biblioteca e acervo variado na escola, que quando a possui, são ambientes com estruturas mínimas, que os profissionais que atuam nela, são, na sua grande maioria, servidos em final de carreira e que estão ali, mais para manter o espaço limpo e com o desejo enorme de se aposentarem. Quanto ao estímulo à leitura feitas por alunos, alguns professores regentes, procuram no decorrer do ano letivo, induzir os alunos a lerem obras, que na maioria são literárias. Talvez por serem professores de Língua Portuguesa e/ou por se esperar que o hábito da leitura seja conduzido por eles. Algumas escolas realizas os chamados Projetos Setoriais – aqueles que são exigidos pelas Secretarias de Educação- dentre eles estão projetos de Leitura e Escrita. Alguns professores, participantes, dedicam momentos de suas aulas para a leitura, como uma forma de pouco a pouco, despertarem o “gosto” ou “prazer” em ler.

Um dos momentos que julgamos como interessante foi “Outros Olhares”, com sugestões de “mecanismos” para a otimização da leitura, dentre eles foram destacados: Criação do clube da leitura; Criação de um grupo no whatsapp para compartilhar as sugestões de leituras e enviar livros em pdf para os alunos. Proporcionar aos alunos os momentos de leitura dentro e fora do espaço escolar; Monólogo dramatizado; Micro indicação de livro; Timeline; Programas de entrevista. O momento também se tornou rico pelo fato de ser compartilhado a existência de Clubes e Grupos de Leitura, que até então não tínhamos conhecimentos.

Para finalizarmos o projeto, sugerimos aos participantes leitura na íntegra do referencial teórico que embasou o Workshop e abrimos espaço para que manifestarem suas impressões e sugestões sobre as temáticas e momentos vivenciados.

Alguns dos presentes manifestaram a alegria de terem a oportunidade de participar de um evento desta natureza, nunca promovido em nossa região, e que necessitávamos de intensificar essa prática, além de manifestarem – para o que não pensavam assim – o ensejo dá voz e praticidade nos mais variados ambiente que atuam sobre a importância da leitura para com a atuação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades desenvolvidas no Workshop “Lê pra mim” demonstraram algumas especialidades. Evidenciamos que a leitura, independentemente do ambiente que estamos inseridos, é condição para o processo de desenvolvimento do ser humano. Estando configurada como comunicação, a leitura permite aquisição de novos conhecimentos, interação do leitor com o autor e torna perceptível as mudanças espaço-temporal. A leitura está além, do decifrar e decodificar. Ela é transformadora no modo de pensar e agir.

É na figura do mediador que se pode moldar outras pessoas a adentrarem e vivenciarem experiências de leitura. Na experiência que pode até então, ser singular que adquirimos a postura de leitor, seja, de massa, vital, real, concreto, virtual, narratário, sujeito da experiência, meditativo, contemplativo, imersivo ou ubíquo. O importante é, sermos orientados em sua habilidade de reconhecer, relacionar e selecionar dados quanto ao conhecimento de mundo e a experiência de vida.

Para tanto, não só no âmbito escolar, mas social, precisamos imergirmos em metodologias dinamizadas que nos conduza às práticas de leitura.

Em meio ao que fora percorrido nesse trabalho, sentimos que as concepções, vivências e experiências fizeram com que ampliássemos a visão a respeito de leitura, leitor e mediação de leitura e refletirmos sobre os métodos vigentes, nos espaços de aprendizagem.

Nesse ensejo, o presente trabalho procurou proporcionar um espaço de conversa sobre leitura e suas diversas facetas, a fim de trocar experiências sobre o ato de ler nos diferentes ambientes, incentivando a prática de leitura, o desejo e o prazer de ler e, promovendo o diálogo sobre as concepções de leitura, no intuito de sugerir outras estratégias de formação de leitores dentro e fora do ambiente escolar.

Destacamos que, se não como forma direta de intervenção, mas de reflexão para que apreendêssemos que de forma emergencial precisamos moldar nossa postura em relação à prática da leitura como uma das formas de enfrentarmos os desafios oriundos da mudança social em que estamos inseridos.

Para tanto, podemos proferir que o trabalho construído é de grande valia tanto para o desenvolvimento de futuras produções como para reflexão e sensibilização dos profissionais e ainda de ampla transcendência profissional.

REFERÊNCIAS

- [1] BARTHES, R. O prazer do texto. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- [2] FOUCAMBERT, J. O que é ler. In: Modos de ser leitor. Trad. Lúcia P. Cherem e Suzete P. Bornatto. Curitiba: Editora UFPR, 2008. Pág. 61 a 84.
- [3] JOUVE, V. Um quebra-cabeça teórico: o leitor é pensável? In: A leitura. Trad. Brigitte Hervot. São Paulo: Editora UNESP, 2002. Pag. 35 a 60.
- [4] LARROSA, J. Ler é traduzir. In: Linguagem e educação depois de Babel. Trad. Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- [5] LARROSA, J. Literatura, Experiência e Formação. Uma entrevista com Jorge Larrosa. In: Caminhos Investigativos I 3 ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007.
- [6] FOUCAMBERT, J. A leitura em questão. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 157p.
- [7] SANTAELLA, Lucia. Navegar no Ciberespaço. O perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.
- [8] SANTAELLA, Lucia. O leitor ubíquo e suas consequências para a educação. In: TORRES, Patrícia Lupion (Org.). Complexidade: redes e conexões na produção do conhecimento. Curitiba: SENAR - PR., 2014.
- [9] PETIT, M. Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009. p. 192.
- [10] CONCEIÇÃO EVARISTO. Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/noticias/conceicao-evaristo-e-sua-defesa-pelo-registro-das-vivencias-populares/>>. Acesso em: 4 ago. 2019.
- [11] PONCIÁ VICÊNCIO. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/trip-transformadores/a-filosofa-sueli-carneiro-indica-livros-de-autoras-negras-para-conhecer-a-realidade-dessas-mulheres/>>. Acesso em: 4 ago. 2019.
- [12] PESSOAS EM CÍRCULO. Disponível em: <<https://br.depositphotos.com/63110585/stock-photo-people-in-circle-looking-up.html>>. Acesso em: 4 ago. 2019.
- [13] MENINA ENTRANDO NUM LIVRO. Disponível em: <<https://www.rock-cafe.info/suggest/children%27s-imagination-stories-6368696c6472656e2773.html>>. Acesso em: 4 ago. 2019.
- [14] O OUTRO MUNDO. Disponível em: <http://www.arteeblog.com/2014/10/>>. Acesso em: 4 ago. 2019.